

Editorial

A publicação deste segundo número de *Psicologia e Saber Social* dá início ao longo processo de consolidação que lhe cabe trilhar. Um periódico científico se consolida no âmbito da comunidade a que se dirige na medida em que se mostra capaz de cumprir, de forma contínua e consistente, seus propósitos editoriais. Vale, pois, a pena tornar a explicitar tais propósitos, de modo a destacar sua função como critérios de avaliação da Revista pelos seus colaboradores e leitores.

Em primeiro lugar, *Psicologia e Saber Social* se propõe a servir à “psicologia social *stricto sensu*”, herdeira de uma tradição científica centenária, que a isso tem associado uma articulação entre as ciências humanas e sociais e da psicologia, na produção de análises e explicações simultaneamente não psicologistas e não sociologistas. Isto não quer dizer que não se reconheça a existência de outras concepções, bastante distintas desta, no âmbito *lato sensu* da psicologia social.

Em segundo lugar, *Psicologia e Saber Social* assume como temas psicológicos básicos para articulação com as demais ciências sociais e humanas os “processos cognitivos”. Nesse sentido, os principais campos de estudo explorados pela Revista incluem a cognição social, de lavra americana, as representações sociais, de origem europeia, e as análises sócio-interacionistas. Outras áreas pertinentes – como a memória social e os processos intra e intergrupais e identitários – têm ainda merecido consideração.

Em terceiro lugar, *Psicologia e Saber Social* acredita que lhe cabe favorecer o avanço da dimensão metodológica da pesquisa em psicologia social, onde ainda é comum que – de boa ou má fé – se duvide que fenômenos psicossociais de natureza tão subjetiva e espontânea possam ser analisados em termos objetivos e terem suas variáveis causais descritas e avaliadas quantitativamente. Assim, na publicação de estudos empíricos, a Revista valoriza em especial aqueles em que a utilização explícita e justificada de dado método e/ou técnica seja um fator importante no reconhecimento da sua qualidade.

Finalmente, *Psicologia e Saber Social* almeja que, em qualquer momento ao longo do processo de consolidação, o conjunto dos artigos publicados combine o atendimento aos três requisitos editoriais ora lembrados com um propósito geral de inovação. Isto porque se acredita que a inovação cientificamente responsável é favorecida pelo respeito à tradição científica de uma disciplina, pela familiarização com os esforços intelectuais prévios de caracterização dos problemas de estudo e pela cautela em não afirmar algo sobre a realidade psicossocial antes de lhe fazer boas perguntas.

De fato, já no segundo número de *Psicologia e Saber Social*, é possível demonstrar – como, de resto, ocorreu também no primeiro – uma feliz conjunção dos requisitos científicos e dos propósitos inovadores da Revista. Vale, pois, a pena “disseca-lo”.

O primeiro artigo, teórico, da lavra de uma conhecida psicóloga social francesa, dá o tom de inovação do conjunto. A discussão da convivência entre história e memória remonta ao início do século passado, mas no início do presente século novos aspectos a tem tornado ainda mais complexa. A autora examina toda a trajetória anterior em termos teóricos e epistemológicos, para poder enfim analisar os condicionantes políticos e jurídicos da situação contemporânea. No artigo seguinte, uma revisão da literatura sobre movimentos

sociais, encontra-se a mesma preocupação em dar a conhecer o “estado da arte”, em relação ao qual um novo empreendimento nesse domínio possa avançar em o risco de terminar por “reinventar a roda”.

Os primeiros dois estudos empíricos também valorizam o conhecimento das situações passadas e atuais nas respectivas áreas de interesse, a partir das quais desenvolvem o que pode ser chamado de “pesquisas metodológicas”, para produzir inovações, uma de ordem conceitual, outra em termos de mensuração de variáveis. O fato de que os dois trabalhos se refiram a noções que já há muito tempo habitam a psicologia social – os estereótipos sociais e a identificação dos indivíduos com o grupo – proporciona uma pertinente demonstração de quão contínuas e insistentes podem e devem ser as iniciativas para o avanço da “psicologia social *stricto sensu*”.

Dentre os cinco estudos empíricos que se seguem, os primeiros três se inserem em campos de pesquisa razoavelmente bem desenvolvidos – memória e representações sociais –, mas não deixam de trazer importantes acréscimos inovadores ao panorama da psicologia social no Brasil. De Portugal vem a instigante noção de luso-tropicalismo e a demonstração empírica da sua presença nos livros didáticos anteriores ao fim do período colonial africano e da sua incorporação à memória histórica portuguesa. Já de Sergipe e do Espírito Santo vêm dois distintos tratamentos das relações psicossociais envolvendo um grupo étnico pouquíssimo estudado no Brasil. Os “nossos ciganos” são assim trazidos à consideração pela psicologia social brasileira, que só pode enriquecer e tornar mais complexa a ocupação das ciências sociais com as etnias ditas brasileiras – ora restritas às comunidades indígenas e quilombolas. Os dois últimos estudos empíricos incidem sobre problemas atuais na vida de populações jovens em duas cidades brasileiras. Tais problemas, por suas especificidades – as variáveis psicossociais relevantes na dedicação dos jovens com a formação pós-graduada e as representações dos adolescentes por eles mesmos e pelos jovens – se situam no domínio mais básico, cotidiano e permanente dos estudos sobre o saber social.

Celso Pereira de Sá
Editor científico